



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Tathoba — Lisboa — Telefone: 17
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

D'ARIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A LEI DAS 8 HORAS

Foi adiada, uma vez mais, a execução da lei das oito horas. Já o prevíamos. Previamos-lo porque conhecemos bem, de longa data, a profundeza de medos semelhantes tomadas pelo governo em benefício dos trabalhadores. Previamos-lo porque sabemos o valor e a força das notas representativas que as associações patronais, representando as forças vivas da nação, a miúdo apresentavam ao governo e lançavam em público. Previamos-lo porque não ignoramos quanto podem tanto dos poderes públicos os comerciantes e os industriais a quem a lei não convém.

De resto, as associações comerciais haviam dito já, claro e decaladamente, que não cumpriam a lei, e que ela chegasse a vigorar. Que mais tínhamos a esperar de disto? Que o governo mantivesse prontos os comerciantes para a lei e descaresadamente declararam não acatar uma disposição governamental?

Partissem os operários o atrevimento e a desobediência, e então, as suas associações seriam coroadas, efectuar-se-iam prisões em massa, e as metralhadoras da guarda pretoriana percorreriam as ruas em ameaçadora atitude, envolvendo no terror a cidade inteira.

Mas não se trata dos operários, mas de armas na mão subiram ao montante no combate ao movimento reaccionário, ou às terras a fúria foram deixar os braços, as pernas, a vida, em defesa da liberdade ameaçada. Não se trata de bolchevistas ou sindicalistas, de vadios ou perigosos para a sociedade do país ou da consolidação do regime. São os comerciantes, as forças vivas da nação, os patrões, que pedem, que exigem, a promulgação da lei das 8 horas, porque é preciso produzir, porque é preciso trabalhar muito e muito. Que é necessário trabalhar — para se bem. E são eles, os comerciantes que nada fazem, senão publicar e envenenar o próximo, e falam em trabalhar, para enriquecimento da pátria, da pátria ou eles lançaram na miséria para satisfação da sua insaciável sede de ouro.

Roubando-nos às escárnias, rovocando a falta de produtos, deixando-os apodrecer, ou vendendo-os ao estrangeiro enquanto os patriotas morriam de fome, tal durante a guerra, e é depois dela, e patriotismo dos comerciantes. Admirável, inconcebível, depois de tudo isto, é o desprazer que eles, os mais reaccionários e os mais liberais, de mãos dadas, veem a público falar de patriotismo. Ao público que tem sido, com inacreditável paciência,

as agruras da fome por eles provocada.

O caso é que o governo atendeu as suas justas reclamações. O decreto não saiu senão depois de largas alterações e grossas emendas. Saíu, enfim, torcido dum lado, confuso do outro, e amachucado de todos, com as grossas marteladas que apanhou em quente e em frio, na força e fora dela.

Mas não está ainda à vontade das forças vivas, e porque assim é, recolhe por mais trinta dias, durante os quais os que ainda não tiraram da intervenção do Estado todas as esperanças, continuarão esperando pacientemente a definitiva entrada em vigor, para sofrerem depois a decepção de ficar na mesma, se não quiserem, pelo seu esforço próprio, resolver a questão como é mister. De contrário, inútil serão todas as esperanças. O governo fará sempre, quer ele seja monárquico ou republicano, reaccionário ou liberal, o que os industriais e os comerciantes quiserem que ele faça; e o contrário é que seria para admirar, visto serem os governantes da mesma família. O resto é poeira lançada nos olhos dos palcos que ainda vão atrás dos políticos desta ou daquela nuvem.

O dia normal de 8 horas de trabalho é uma aspiração antiquíssima. Por ela lutaram anos e anos os trabalhadores da Austrália e da América, da Inglaterra e da França. E nunca essa regalalia lhes foi concedida sem que eles a conquistassem directamente, ao ponto de vorem por ela o sangue que as balas ao serviço dos governos, sempre retrógrados, sempre reaccionários fizeram derramar.

Esperar do governo representando directo da burguesia e mantenedor do seu regime, a promulgação de medidas atinentes a dar aos que trabalham maiores liberdades que não reverter em prejuízo das próprias castas dominantes, seria paradoxal, é inadmissível.

O que os governos fazem em benefício dos trabalhadores, é sempre o resultado da acção por estes exercida sobre a burguesia para a reivindicação de regalias que só depois, são decretadas.

Assim foi sempre, em todas as épocas e em toda a parte.

Os governos burgueses tem como principal fim a manutenção do estado actual. Asneira será, pois, esperarmos deles a promulgação de leis que auxiliem ou permitam a sua própria derrota.

Auxiliados pelos governos, os comerciantes e os industriais, só os acambradores e os patriotas a cuja família os governantes pertencem.

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL DOCUMENTOS APROVADOS:

Sobre a tese «Reformas imediatas», apresentada pela Associação dos Funcionários Públicos, foi pela comissão organizadora do Congresso, elaborada a seguinte moção, combatendo essa tese, que foi aprovada por aclamação:

Considerando que a transformação que se está operando na sociedade é o resultado da revolução social iniciada pelas massas produtoras, revolução feita que feriu de morte as leis económicas que regem o actual sistema capitalista;

Considerando que a transformação evolutiva das sociedades só é benéfica para as classes expoliadas, quando parte dos próprios interessados e no sentido destrutivo da própria base social e económica, causa determinante de injustiça e mal estar dos povos e nunca pela colaboração dessas classes, especialmente a produtora, nas instituições estatais sob o engano e o falso pretexto de obter ilusórias e pueris reformas com que força as referidas instituições a enveredar pelo caminho de concessões tendentes a facilitar o advento duma sociedade socialista e igualitária;

Considerando que as revoluções do passado nos indicam que a aproximação e colaboração de classes com interesses e aspirações antagónicas determinam o desvio do curso natural da evolução, sob o ponto de vista económico, especialmente robustecendo mais ainda o poder, detentor dos meios de produção, dando-lhe mais larga estabilidade com prejuízo das massas produtoras, corrompendo muitos dos seus melhores elementos de combate, não sendo, pois, de bom sentido continuarse na prática de actos perigosos como os do passado, sob pena de contribuirmos não para o advento duma sociedade livre e igualitária em que o trabalho esteja emancipado, a direcção da produção entregue às organizações de produtores, mas para a continuação de todo o mal existente, embora com fórmula e rótulo diferentes;

Considerando que a tese «Reformas imediatas», em discussão, não exprime o pensamento operário e está em contradição com as afirmações e desejos manifestados pelos trabalhadores conscientes de todo o mundo, excepção feita aos seus primeiros números 1.º, 3.º e 4.º por quanto o n.º 2.º só terá viabilidade quando as Unões Locais assumam a direcção dos serviços públicos comuns de cada localidade, sem o carácter politicamente administrativo que lhe é adstrito presentemente, por isso que a a constituição e funcionamento dos actuais corpos administrativos só o complemento lógico do regime capitalista;

Considerando que o princípio falso de que se pode obrigar os governos a fazer a revolução socialista de cima em benefício dos de baixo, conduz inevitavelmente a conclusões falsas, enganadoras e inconsistentes, pois jámais os governos, quaisquer que sejam, farão obra contrária ao princípio originário que lhes deu o poder, sendo igualmente certo que a obra socialista ou é feita de baixo para cima, do simples para o composto pela acção revolucionária dos trabalhadores organizados, ou o Socialismo nunca será um facto.

Considerando consequentemente, que a ingerência dos sindicatos ou de comissões suas delegadas nas funções administrativas e financeiras do Estado jámais será aceite pelas mesmas entidades, e mesmo que fosse, tal passo, pelo que principalmente respeita ao Estado, representaria um desvio perigoso para a organização operária, pois além de esta se desviar dos seus fins específicos seria absorvida pelo poder capitalista, contribuindo, assim, para a conservação dum poder cuja missão consiste em defender os privilégios capitalistas contra as aspirações de liberdade e igualdade dos trabalhadores;

Considerando que não cabe a organização operária dar preferência a uma organização do exército sobre outra, embora a primeira seja mascarada de democrática, pois o objectivo dos trabalhadores vai até à supressão de toda a forma de exercício, posto que este só pode servir para a defesa dos privilégios económicos ou políticos de qualquer casta ou oligarquia governamental;

Considerando que o alargamento dos quadros de funcionalismo é uma resultante da própria existência viciosa do Estado, que é levado a atender as clientelas políticas para garantir a sua estabilidade e a vida dos partidos que o servem e conservam, sendo certo, por outro lado, e no melhor caso, que só a respectiva organização corporativa do funcionalismo público pode impedir o alargamento dos respectivos quadros;

Considerando que a restrição da representação diplomática é uma aspiração ingénua e impraticável porquanto, admitindo que o Estado tal promettesse, jamais a praticaria, por ser aquela instituição de funções secretas, privativas e indispensáveis à conservação do mesmo Estado, sendo inútil, portanto, o pedido de restrição, pois a diplomacia só virá a restringir-se, ou mesmo a suprimir-se com a supressão do Estado burguês actual;

Considerando que não é da competência da organização operária reclamar maiores impostos sobre seja o que for, mesmo sobre doces e sucessões, tabacos e álcool, antes deve esforçar-se por combater e destruir a causa material das duas primeiras derivações, princípio de propriedade privada, devendo igualmente desenvolver a educação moral e higiénica, para que as duas últimas também desapareçam;

Considerando que a comparticipação pelo Estado dos lucros das empresas

comerciais e industriais, parecendo a primeira vista um princípio de nacionalização, no fundo mais força daria ao capitalismo conjugado, para resistir aos ataques emancipadores da classe trabalhadora;

Considerando que o conselho ou pedido de liquidação de colónias, jámais deve ser formulado por nós, pois muito bem sabemos que liquidações daquela natureza comportam o comércio, não só das riquezas coloniais móveis ou imóveis, mas também dos seus habitantes ou naturais, que assim passam dum a outros donos ou dominantes, sendo certo que tal acto não está conforme o nosso carácter, sentimento da nossa dignidade nem com o mais elementar espírito de liberdade, antes é do nosso dever de trabalhadores organizados e conscientes, esforçarmos-nos por levar a propaganda de organização e de liberdade aos povos das colónias, para que se libertem da exploração dos negreiros e da tirania dos dominadores;

Considerando que as medidas constantes nas alíneas anunciadas nos números 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º da tese em discussão, porque na essência tendem ao fomento da indústria, do comércio e da agricultura e ao barateamento da vida, não podem ser inteiramente postas de parte, não porque haja a esperança de que os governos as atendam, pois lhes falta a capacidade, isenção e espírito de iniciativa mas, porque atendem aos nossos objectivos de socialização, pelo que merecem ser estudadas pela organização operária em conformidade com o seu critério revolucionário e socializador;

A arremetida de D'Annunzio Uma apreciação

«D'Annunzio, fazemos votos pela vossa derrota!»

Uma folha socialista francesa insere a seguinte interessante resposta às mensagens últimas do mavórtico poeta italiano:

«Poeta italiano, os franceses acusam a recepção da vossa mensagem. Desejaria que uma voz mais autorizada pelo génio e pela glória tomasse o encargo de responder ao vosso lírico chamamento. Mas mais vale a minha humilde resposta que a do silêncio que persiste. De resto, é em nome de muitos que falo.

Assediad-vos na cidade de Fiume, que haveis tomado. Que queires que façamos nestes casos? Deploramos ter de confessá-lo: não vos damos razão.

Por certo, a vossa imperiosa audácia é filha da acção política dos Byron e dos Lamartine, e não deixais de ter razão se vos comparardes a eles. Mas eles morreram e os tempos caminharão. Para pensar como eles existis apenas vós, actualmente. E o conteúdo do vosso pensamento sobre os vossos partidários não se deve senão à ousadia do vosso génio, e não à Verdade luminosa, que não existe na vossa causa, nem à Justiça, ausente do vosso gesto.

Não são da época, d'Annunzio! Como pôde acontecer não terdes compreendido que o patriotismo, se-meador de ódios, já não é senão uma cousa do passado? Como se explica não terdes sido seduzido pelas nossas generosas doutrinas de amor universal?

Apodam-nos de utopias, porque não ousam injuriar-nos com a palavra poetas, e vós não sabeis merecer o desprezo que nos é concedido? D'Annunzio, enganai-vos no vosso destino!

Fiume, dizeis vós, é italianíssima? Mas a Itália já não é mais que uma província dos Estados Unidos da Europa, um departamento da Sociedade das Nações. A Áustria fará amanhã, como a Itália, parte de um corpo único. Separai ainda, tal como o vosso antepassado do Avestino, os membros do estomago, quando eles não podem viver um sem o outro; e ideis arrancar Fiume, esta fulguração da vida comum, este glóbulo vermelho do seu próprio sangue! Não vos damos razão, d'Annunzio!

Não apanheis então, do fundo dos séculos e das estepes, a grande sombra de Tolstói que vos repreende?

Ah! se tivésseis sabido não ignorar as lições do grande Precursor e se não desconfiásseis do futuro tal como o anseiam as vontades de todos os trabalhadores, e de todos os oprimidos, como não estaríamos então convosco todos nós!

Se vos opuzésseis ao vosso rei para libertar os seus súbditos, pois no século XX não deve mais haver súbditos; se reúnissem tantos soldados para emancipar da disciplina militarista; se terdesseis significado na vossa boca não resgatada ao nacionalismo, como nós estaríamos convosco!

Mas não: representais os revanchards dessa região. Em vez de serdes Hugo, esse grande fraternal, tornai-vos D'Annunzio, esse caserneiro. Não nos façais crer que sois um revoltado: sois simplesmente mais realista que o rei.

Adens, pois, d'Annunzio! Nós queremos a paz. As vossas proclamações não encontram o caminho do nosso coração. Os que se deixam prender por elas fazem passar as palavras primeiro que as ideias. A vossa acção não é mais que uma reacção.

D'Annunzio, fazemos votos pela vossa derrota.

João-Miguel RENAITOUR

Os ferroviários ingleses em greve

Os mecânicos apoiam a greve — Paralisação completa no Metropolitano

LONDRES, 30. — Estão encerradas todas as estações do Metropolitano. O secretário da União dos Mecânicos declarou que ela apoiará os ferroviários, por considerá-los justas as suas reivindicações. Num comício, foi aprovada a acção do comité executivo.

Os grevistas dispostos a lutar energeticamente — O operariado pronto a ir para a greve geral

LONDRES, 30. — A greve ferroviária continua sendo completa em todo o país. São muito poucos os comboios que continuam circulando. Por parte do governo e dos grevistas manifesta-se a resolução de resistir à outrance, não havendo até agora qualquer indicio de que se vá iniciar as negociações. Os caminhões, automóveis e trens particulares começaram funcionando para o abastecimento das grandes cidades e para o transporte do exército.

O correio funciona irregularmente, sendo as malas postais transportadas em automóveis e aeroplanos. O problema do abastecimento não inspira inquietudes imediatas, graças aos stocks importantes que existem na maioria das grandes cidades e ao raciocínio que foi imposto em todo o país. Várias Federações operárias ofereceram o seu apoio por solidariedade à greve; porém, os diretores dos ferroviários não desejam que se estenda o conflito e aconselham a abstenção. Nos grandes centros industriais começa a faltar carvão e materiais primas. As fábricas fecham e a paralisação forçada do trabalho aumenta.

A Alemanha e a Lituânia

BERLIM, 27. — Foram propostas medidas de rigor contra as tropas que se opõem à evacuação da Lituânia e do Báltico, medidas que entrarão em vigor no dia 1 de Outubro.

NAS BASTILHAS DA "DEMOCRACIA" OS JOVENS SINDICALISTAS

Do Governo Civil são transferidos mais alguns presos — Constituição de Comunas — O operariado auxilia os presos — Uma carta dos presos de Monsanto

Do Governo Civil foram ontem transferidos para a esquadra do Beato, mais alguns dos operários que ali se encontram presos. Estes tem continuado a entregar-se às mais vementes manifestações, cantando de quando em quando o hino da *Batalha* e a *Internacional*. Nos calabouços 8 e 3, e na casa dos piquetes, arvoraram os presos bandeiras vermelhas, o que deu origem a um pequeno incidente com os guardas que, de resto, os tem tratado correctamente. Chegaram, mesmo, a retirar-lhes as bandeiras que, pouco depois, lhes foram restituídas. Os presos inauguraram três comunas: no calabouço 8, denominada Comuna Vermelha, no calabouço 3, denominada Comuna Extremista, e na Casa dos Piquetes, denominada Comuna da Luz. Todo o tabaco, fruta, pão e comida que trazem as famílias, é dividido fraternalmente, auxiliando-se as Comunas umas às outras. Durante todo o dia foram trocadas entusiásticas saudações entre os presos, que abriram uma *quinta* a favor da *Terra*, de Aveiro, da *Aurora*, do *Partido*, e do *Avançar* que rendem 2593. Os presos continuam alimentando uma inquebrantável energia, aguardando serenamente as decisões das autoridades, tudo fazendo prever, porém, que dentro em breve sejam postos em liberdade. Quando se arvoraram as bandeiras vermelhas, foram pronunciadas alocações, atentamente escutadas.

Os presos continuam queixando-se da má qualidade do rancho que, conforme um nosso camarada de redacção teve ocasião de verificar, é verdadeiramente intragável, chegando a parecer impossível que não haja pejo em fornecer a homens alimentação que, certamente, a animais repugnaria.

A favor dos jovens sindicalistas presos, foram entregues na nossa administração as seguintes quantias: M. B., 20500; quete aberta na Associação da Civil de Peredes e Arredores, 3550; Domingos Pereira de Carvalho, 570; Leopoldo Calapez, 550; Fábrica da Pólvora de Barcarena, 10520.

Do presídio do forte de Monsanto, recebemos a seguinte carta:

Camaradas — Todos os nossos camaradas devem estar, como nós, indignadíssimos com o andamento do nosso julgamento e com as barbaridades e violências cometidas por esses sicários e lacaios da burguesia que são os seus senhores. Agora, esperamos a vossa acção, certos de que ela será o mais enérgico possível, pois que o sacrifício que estamos fazendo em prol da causa que nos é tão querida, não dá direito a esperar essa mesma acção.

Com respeito ao nosso julgamento, é uma tirania sem nome, e quanto à notícia publicada nos jornais da burguesia, de que fomos ser aliçados em 60000, nenhum de nós se lembra disso.

Recordo-me até de ter ouvido dizer ao sr. Melo e Souza, que esses oito a dispensar do serviço da companhia eram aqueles que pertencendo às comissões se haviam portado com menos cortesia com os seus superiores e, sobretudo, com o conselho de administração. Deixar os membros das comissões de melhoramentos seria o mesmo que abolir de facto os direitos de petição, reclamação e de greve, que a constituição política garante a todos os portugueses.

Também ninguém me disse que a companhia se reservava o direito de baixar de classe e transferir, do pessoal, quem lhe aprouvesse, mal se apresentasse ao serviço, nem de remunerar melhor pessoal novo, como sucede com o pessoal feminino, com grave desprestígio dos seus empregados antigos.

Quando ao compromisso que tomei de empregar os despedidos, e citei o número 12 e não 8 para poder avançar com segurança, ainda me não considero desligado d'ele, pois que continuo a confiar na pessoa que tinha autoridade e poder para me habilitar a tomar esse compromisso. Infelizmente como não sou chefe do governo nem pertencio à administração de nenhuma companhia, embora me faltem à palavra dada, não deixarei, mais tarde ou mais cedo, de o satisfazer, ou, antes, de o fazer respeitar.

Pela publicação destas linhas muito grato lhe cito o seu at.º ven. Machad. Santos, Vice-almirante.

No Chile

A Espanha adquire nitratos

SANTIAGO DO CHILE, 30. — Uma empresa espanhola acaba de adquirir nitratos em grande quantidade, para enviar a diversos portos europeus e muito principalmente para Espanha. O transporte deste enorme carregamento será feito também por barcos espanhóis.

Wilson combalido

WASHINGTON, 29. — O presidente Wilson regressou da sua viagem de propaganda e os amigos notam que o seu aspecto mudou pouco; contudo se verá obrigado a absoluto repouso e talvez a abandonar as suas funções oficiais durante algumas semanas. — H.

Material aeronáutico alemão

PARIS, 29. — O conselho supremo aprovou o relatório da comissão especial em presença da distribuição entre os aliados do material aeronáutico alemão. — H.

